

Um leitor que escreve. Este é o lugar do crítico e do resenhista. Escreve a partir da leitura do texto do outro e o faz explicitamente a partir deste lugar, ainda que em todo escritor esteja contido o leitor. Um preâmbulo necessário ao lugar de enunciação em que o presente escrito se produz.

A dimensão histórica poderia ser o tom dominante da análise do livro *Cem Anos da Psicanálise*, que reúne artigos de vinte autores - brasileiros, argentinos e um uruguaio. Entretanto, a História é um dos cinco temas em que o livro está subdividido. Os outros são a Psicopatologia, a Clínica, a Formação e Interfaces. Demarca um século desde a primeira vez em que o termo psicanálise aparece na obra freudiana.

A comemoração parece marcar o fim do século. No ano passado tivemos muitos eventos marcando os cem anos dos *Estudos sobre a Histeria*. Também o ano de 1995 foi pródigo em eventos comemorativos aos cem anos do cinema.

Os autores recolhem na Introdução um trecho da carta de Freud a Jones quando o primeiro completava 80 anos: "Qual é o significado secreto de celebrar cifras redondas de idade avançada? É seguramente uma medição de triunfo sobre o transitório da vida." (p.3) Qual o significado de demarcar-se a celebração do aniversário de uma obra pela produção de uma nova obra escrita? Pergunta endereçada aos três autores/organizadores, três gaúchos cosmopolitas: Abrão Slavutzky, Edson Luiz André de Souza e César Brito. Mas evidentemente não apenas a eles; também aos demais auto-

Um olhar secular sobre o inconsciente

Resenha de Abrão Slavutzky, César Luís de Souza Brito e Edson Luiz André de Sousa (orgs.), História, Clínica e Perspectivas nos Cem Anos da Psicanálise, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996, 291 p.

res, criteriosamente escolhidos, e que se propuseram a dar forma escrita à sua experiência, que aceitaram o desafio de pensar o último século perpassado pelo advento da psicanálise. Como nos indica a Introdução, não é um efeito de unidade que se produz a partir da leitura: "é um livro de palavras diferentes, pois está escrito por psicanalistas de diferentes países, instituições e formas de pensar a psicanálise." (p.3)

Contudo, a História, a Clínica e a tessitura de Perspectivas atravessam a maioria dos textos, e eles vão se conjugando e interseccionando à medida em que os percorremos.

Assim, a referência à correspondência de Freud como material de pesquisa perpassa vários trabalhos, notadamente os de José Luiz Caon, Abrão Slavutzky e Emilio Rodrigué. A singularidade do último está em expor as várias biografias de Freud, comentá-las e demonstrar que elas "mudam de tom

segundo as épocas" (p.17), em apontar os efeitos de uma história oficial que a biografia de Jones produziu sobre toda uma geração de analistas, e, finalmente, em nos dizer das razões que o levaram a produzir a sua biografia dele. Que o limite do biógrafo é a autobiografia e que a "biografia é uma possessão sublimada em escrita" (p.22) são duas preciosas verdades que Rodrigué nos revela.

Slavutzky realiza meticolosos estudos da correspondência entre Freud e Arnold Zweig, identificando um momento de mudança de posição: de admirado a admirador. Identifica também como a leitura da Bíblia é um mandato paterno que influenciou Freud, e esmiúça o laço de paixão que une Freud a Moisés, para lançar a estimulante tese de que "a ilusão tem futuro", especialmente num momento em que vemos decretadas tantas teses do fim das utopias.

Caon, a partir da correspondência Freud-Fliess, demonstra a contemporaneidade dos termos Psicanálise e Metapsicologia, suas interseções temporais, a sua descoberta no final do século passado e sua redescoberta no final deste, apontando que "toda redescoberta é uma nova invenção." (p.68) Ao cunhar e analisar os termos *escuta dirigida*

pelo olhar e leitura dirigida pela escrita para situar o analista nos âmbitos da clínica e da pesquisa, polemiza com Renato Mezan quando este propõe a expressão *clínica do texto*.

Apesar de aqui ser citado no contexto de outro escrito seu, neste livro Mezan vai dedicar-se a um profundo trabalho histórico - ao pensar as vicissitudes da interpretação ao longo do século e ao sabor das diferentes correntes teóricas, mas também clínico e até pré-histórico - se tomarmos a psicanálise como marco. A interpretação, nascida no campo da religião, dele se emancipa graças aos gregos, que a aplicam à literatura e à linguagem, lançando os fundamentos para uma interpretação laica. A associação inevitável: a análise laica. Outros pontos do texto merecem destaque e convidam à reflexão: a autodenominada escandalosa afirmação de que a Psicologia do ego "é o ramo da Psicanálise que menos se afastou do vocabulário de Freud e de sua concepção geral da psique, do desenvolvimento mental e do processo terapêutico" (p.36), seguida de argumentos que não implicam, no entanto, concordância do autor com a referida teoria.

Os textos, na seqüência em que foram costurados, e que constitui não apenas um trabalho de organização mas também de autoria, parecem conversar entre si, estabelecer vizinhanças.

Assim é que Elias Mallet da Rocha Barros também nos fala extensamente da interpretação, mas com outra ênfase, pois se propõe a estudar a contribuição de Melanie e dos subsequentes kleinianos, notadamente Bion. Articula interpretação e transferência através dos pilares constituídos pelos conceitos de mundo interno, identificação projetiva e introjeção de objeto. O fortalecimento do ego, tal a função da interpretação e, consequentemente da análise. Um caso clínico ilustra esta concepção.

Qual a atualidade da nosografia freudiana passados cem anos? Esta é a questão que marca a contribuição de Sílvia Bleichmar, ao apontar as várias tendências que guiam o diagnóstico e especialmente uma: o deslocamento do eixo do sintoma para a estrutura. Propõe uma psicopatologia articulada e submetida à metapsicologia, retomando os conceitos de recalque originário e secundário. Esta temática também está presente no artigo de Manoel Berlinck, o qual mostra os efeitos do deslocamento do olhar para a escuta de pacientes operado por Freud, e a revolução científica que se produziu a partir da nova forma de tratar a histeria. Enlaça-se aqui o texto de Robson Pereira, situando a contribuição de Lacan no presente século: sua leitura da histeria e do que vem marcar a subjetividade moderna, ou seja, o declínio da função paterna.

Também Isidoro Vegh, num texto enxuto, nos recorda Lacan quando, passado pouco mais de meio século da fundação da Psicanálise, se colocava a questão de onde estariam aquelas históricas maravilhosas de *antaño*. Onde situar a mudança: será da ordem da estrutura ou da história? Conclui dizendo que a dificuldade recorrente é do desencontro do sujeito com o gozo, e que, de alguma forma, a história das diferentes formas desse desencontro deixa entrever a estrutura.

Seguem-se textos clínicos, sempre acompanhados de teorizações e reflexões instigantes, redigidos por Rafael Paz, Sílvia Skowronsky, Nara Amália Caron e Luis Carlos Menezes. Este último aborda a idéia de progresso em psicanálise e a posição do analista como de um *médico às avessas*, retomando a discussão relativa à cientificidade da nossa disciplina. Já o trabalho de Alfredo Jerusalinsky elabora a noção de tempo lógico, mostrando que a atemporalidade inconsciente inaugura uma nova ordem que foge a qualquer tentativa de enquadramento numa métrica linear.

Luis Hornstein, Ricardo Bernardi, Leonardo Francischelli e Edson de Souza têm seus escritos reunidos sob a temática das Interfaces com a Psicanálise. Francischelli aponta para o perigo representado pelo isolamento em relação a outros cam-

pos do conhecimento; uma postura auto-suficiente seria uma ruptura com suas próprias origens.

Encerra o livro, como um efeito Zeigarnik - num estilo que tem a forma daquilo de que fala - o trabalho de Edson de Sousa. Não é um trabalho de cunho histórico, mas a História emerge nele como significante entrelaçando as noções de tempo e repetição. Situa a criação poética numa série, estabelecendo equivalências simbólicas entre rima, sintoma, lembrança encobridora e a noção de inacabado (a propósito, Zeigarnik). Um trabalho de rigor teórico que aponta delineamentos para a clínica e reflexões para o social, especialmente ao dizer que a psicanálise "precisa repensar constantemente a si mesma, para que não venha a sofrer do mal que tanto combate" (p.290): o conforto que o exílio da verdade promete.

A rubrica Formação Psicanalítica é onde encontramos a maior economia: apenas dois textos, um de Fábio Herrmann e o outro de César Brito. O primeiro contém um rico trabalho de pesquisa sobre a história da análise didática e da instituição psicanalítica desde os tempos de Freud, e sobre os desdobramentos destas questões até os dias atuais, inclusive para o caso

brasileiro. O segundo, sugestivamente intitulado "Um sentido apreendido", nos fala da formação, de sua longa duração, das condições postas para que um analista se faça desde os pressupostos freudianos da análise leiga, e da transferência posta em jogo. Também desenvolve mais extensamente o conceito de identificação.

Por que apenas dois textos em vinte abordam explicitamente a questão da formação? Abre-se a possibilidade de pensar questões sobre o tema. À propalada afirmação de que a formação do analista repousa sobre o tripé: análise pessoal, supervisão ou controle e estudo sistemático, gostaria de acrescentar mais dois elementos na série, construindo um *quintupé*: o compromisso com a escrita (que o analista possa escrever a clínica que pratica, dar contas teóricas da mesma), e a inserção institucional, ou qualquer outro nome que venha a ter a questão do laço entre os analistas. O analista independente não existe. E é também como circulação das diferenças entre os pares (e ímpares) de diferentes latitudes que o mérito do livro se impõe. Comemoramos os *cem anos* da psicanálise e o *sem anos* do inconsciente!

Liliane Seide Froemming é psicanalista em Porto Alegre.